



Realidades emergentes do mundo de hoje e perfil dos “padres novos”

*Emerging realities in the world today and profile of the
"new priests"*

CELSO PINTO CARIAS^a

Resumo

Em busca do perfil dos “padres novos”, em primeiro momento, o texto faz um breve relatório dos dados e uma análise preliminar dos mesmos em torno de quatro questões relativas à *Visão de Mundo* — principais antivalores reinantes na sociedade atual, principais valores que emanam na sociedade atual, novas realidades positivas que estão emergindo no mundo de hoje e novas realidades que se considera negativas no mundo de hoje. Em um segundo momento, faz-se uma análise dos dados em um contexto mais amplo, configurado por uma *crise civilizatória*, que nos imerge em uma mudança de época, como salientou a Conferência de Aparecida. Procura-se responder em que medida o perfil dos “padres novos” responde aos desafios da evangelização na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, em meio à crise atual do projeto civilizacional moderno.

Palavras-chave: Crise civilizatória. Vaticano II. Subjetividade. Pastoral. Evangelização.

Abstract

In search of the profile of the "new priests", at first, the text makes a brief report of data and a preliminary analysis of them on four issues related to the World Vision - main anti-values prevailing in today's society, main values that emanate in today's society, new realities positive realities that are emerging in today's world and new realities that are considered negative in today's world. In a second moment, data is analyzed in a broader

^a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: cpcarias@uol.com.br

context, configured by a crisis of civilization, which immerses us in a change of epoch, as highlighted by the Aparecida Conference. It seeks to respond to what extent the profile of the “new priests” responds to the challenges of evangelization in the perspective of the renewal of Vatican II and the liberating ecclesial tradition of the Church in Latin America, in the midst of the current crisis of the modern civilizational project.

Keywords: *Civilizing crisis. Vatican II. Subjectivity. Pastoral. Evangelization.*

Introdução

Em busca do perfil dos “padres novos” no Brasil, em um primeiro momento, vamos fazer um breve relatório dos dados, seguido de uma análise preliminar dos mesmos, em torno de quatro questões, relativas à Visão de Mundo: os principais antivalores reinantes na sociedade atual (questão 5), os principais valores que emanam na sociedade atual (questão 6), as novas realidades positivas que estão emergindo no mundo de hoje (questão 7) e as novas realidades que se considera negativas no mundo de hoje (questão 8). O foco da pesquisa é caracterizar o perfil dos “padres novos”, a partir das informações fornecidas por eles mesmos e também por outros agentes eclesiais — padres, leigos/as, jovens, seminaristas e religiosas alinhados a duas perspectivas sócio-pastorais — a perspectiva “institucional/carismática”, à qual se alinham os “padres novos” e a perspectiva “evangelização/libertação”, a que se remetem os “padres das décadas de 1970/80”. A pesquisa, ao incluir outras pessoas que não unicamente os “padres novos”, torna possível um quadro comparativo, tanto entre as categorias de agentes, como entre os mesmos quando se lhes remete a cada uma das duas perspectivas sócio-pastorais a que cada grupo de alinha.

Em um segundo momento, a contribuição específica de nossa análise será a de refletir sobre os dados levantados dentro de um contexto mais amplo, configurado por uma *crise civilizatória* que nos imerge em uma mudança de época, tal como salientou a V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe, realizada em Aparecida (2007). Este fator não pode ser colocado à margem, uma vez que, com certeza, condiciona as respostas. O caminho pastoral a que se remete a perspectiva “evangelização/libertação”,

que vem na esteira da renovação conciliar e da tradição eclesial libertadora da Igreja no Continente, sofre o impacto desta mudança. Hoje estamos num tempo de incertezas quanto às possibilidades que se descortinam para a missão que a Igreja Católica se propõe no mundo atual.

A pergunta norteadora de nossa análise é em que medida o perfil dos “padres novos” responde aos desafios da evangelização na perspectiva da renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, em meio à crise atual do projeto civilizacional moderno. O quadro comparativo estabelecido pelo resultado da pesquisa permite que se estabeleçam determinadas hipóteses, e, conseqüentemente, que se assinale para algumas perspectivas de resposta. Certamente estaremos no campo das conjecturas, no entanto, as mesmas se apresentam com certa razoabilidade ao se levar em consideração o referencial teórico que dará fundamento às interpretações.

Neste diálogo, teremos como interlocutor o magistério do Papa Francisco, que simbolicamente podemos chamar de uma leitura *pós-pascal* da pesquisa aqui relatada, dado que o mesmo assumiu o pontificado em tempo posterior à mesma. Para a análise, também faremos ponte alguns autores e uma autora que têm enfrentado a busca de um caminho de resposta dentro do processo de transformação atual. Trata-se de John Lukacs, Byung-Chul Han, Adela Cortina e Domenico de Masi. É praticamente um consenso entre aqueles e aquelas que pesquisam a realidade hodierna o fato de estarmos imersos em um contexto de crise. Podem variar as razões pelas quais se explica a crise, bem como a heterogeneidade de perspectivas apresentadas, mas ninguém a nega. Certamente, toda e qualquer escolha teórica, como estamos fazendo aqui, pode encontrar lacunas e limites na articulação dos argumentos para compreender uma determinada situação, contudo, pode também contribuir para identificar possibilidades de enfrentamentos dos desafios que se apresentam.

1. Breve relatório dos dados levantados e análise preliminar

Entre o passado e o presente identificando antivalores

Começamos vendo os dados levantados pela questão 5 - *quais os principais antivalores reinantes na sociedade atual*. Dentre as alternativas de resposta, a quase unanimidade dos consultados, nomeia em primeiro lugar — *cada um achar que pode fazer o que bem entender de sua vida*: da perspectiva “institucional/carismática” — “padres novos” (37,9%), leigos/as (44,6%), seminaristas (46,2%) e religiosas (35,3%); e da perspectiva “evangelização/libertação” — padres (20,8%), jovens (21,4%), seminaristas (25,0%) e religiosas (31,0%). O maior índice é dos seminaristas da perspectiva “institucional/carismática”. Exceção são os jovens da perspectiva “institucional/carismática”, que nomeiam *achar que a religião é para pessoas atrasadas ou pobres* (27,1%) e os leigos/as da perspectiva “evangelização/libertação” que indicam *valorizar as pessoas pelo que tem e pelo que podem consumir* (32,6%).

Em segundo lugar aparece a alternativa — *valorizar as pessoas pelo que tem e pelo que podem consumir*, nomeada pelos padres (16,7%) e os leigos/as (19,0%) da perspectiva “institucional/carismática” e pelas religiosas (21,1%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Por sua vez, também em segundo lugar é nomeada a alternativa *cada um achar que pode fazer o que bem entender de sua vida* pelos jovens da perspectiva “institucional/carismática” (21,2%) e pelos leigos/as da perspectiva “evangelização/libertação” (27,2%). Ainda em segundo lugar, aparece *cada um pensar na própria felicidade*, alternativa nomeada pelas religiosas da perspectiva “institucional/carismática” (17,6%) e pelos jovens da perspectiva “evangelização/libertação” (17,2%). Apenas os seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação” indicam em segundo lugar *ter como meta acumular bens, ser importante e ser rico* (18,8%), da mesma forma que *a supervalorização da estética, do corpo e da beleza* é nomeada apenas pelos jovens da perspectiva “evangelização/libertação” (19,2%).

Chama a atenção a convergência dos padres das duas perspectivas em apontar *cada um achar que pode fazer o que bem entender de sua vida*, assim

como *evitar todo tipo de sofrimento, de dificuldades e obstáculos*. Há divergência apenas na segunda opção, em que para os “padres novos” aparece *valorizar as pessoas pelo que tem e pelo que podem consumir* e os “padres das décadas de 1970/80” indicam *ter poder, prestígio, ser reconhecido pelos outros*.

O que estes dados parecem indicar? Podemos configurar tais respostas no interior de uma *crise civilizatória* conforme muitos pesquisadores têm identificado nas últimas décadas, do final do século XX até o presente. Certamente *crise civilizatória* é um conceito muito amplo e de difícil consenso. Porém, a maioria dos analistas converge para o fato de estarmos diante de um processo de profundas transformações. A nomenclatura pode variar, mas a constatação de um caminho de mudança parece ser consensual. John Lukacs, por exemplo, no início do século XXI, faz uma análise desta crise no livro *O fim de uma era*, argumentando com bastante acuidade que estamos vivendo uma das maiores mudanças em toda a história da humanidade (LUKACS, 2005, p. 19). Por sua vez, Domenico de Masi, também desde o início do século XXI, em sua famosa obra — *O Ócio Criativo* — vai em direção parecida quando afirma uma mudança de paradigma a partir de três fatores: novas fontes energéticas, novas divisões do trabalho e novas divisões do poder (DE MASI, 2000, p. 23). Segundo De Masi, somente quando estes três fatores reagem entre si, é que se pode configurar a realidade de um novo processo cultural. Segundo ele, este quadro ainda não se configurou totalmente, o que nosso momento parece lhe dar razão².

² Não obstante que Domenico De Masi sirva para analisar a conjuntura social e econômica da contemporaneidade, há de se observar que esse pensador italiano, de formação predominantemente sociológica, ao analisar a sociedade contemporânea, não a caracteriza com pós-moderna, mas como “pós-indutrial”. Essa sociedade produz uma forma interdisciplinar de produzir trabalho, a luta de classes é suplantada pelo pluralismo social, a consciência tem se apresentado como ecológica e centrada na autorrealização do sujeito, que se constitui como um “Adão narcisista”, preocupadíssimo com o tempo presente. Essa sociedade é ainda denominada de sociedade de “terceira onda” que é a “aldeia global”, a “telecomunidade”, em que se articula indivíduo e comunidade, para simultaneamente haver produção e consumo e espaço para que o *homo faber* seja também *ludens*, de modo que, a considera o supramencionado pluralismo há de predominar a criatividade e o lazer (DE MASI, 1999, p. 13-99).

Como afirma o filósofo sul-coreano radicado na Alemanha — Byung-Chul Han, cada um fazer o que quiser da própria vida e ter uma imagem de ostentação que possa transparecer felicidade têm conduzido a sociedade moderna a um desgaste tal, que corremos o risco de nos tornarmos exploradores de nós mesmos. Han tipifica esta crise como *neuroral* (HAN, 2017, p. 7-21), no sentido de que atinge o fundo da existência. Este diagnóstico converge em sua obra — *Sociedade do Cansaço*, publicada em 2010 na Alemanha, portanto bem antes da pandemia do Coronavirus atual, em que o vírus é passível de ser controlado por vacinas, mas não o resultado psíquico. Tanto que estamos assistindo o crescimento de doenças como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout, que se agravaram durante a pandemia.

Os elementos de negatividade da existência são rechaçados como uma situação com a qual a pessoa não pode conviver. Há ainda, segundo o autor, um *exagero de positividade*. Se algo não dá certo na vida das pessoas, é porque ela não foi suficientemente competente para superar a dificuldade. O desempenho é um fator cobrado ao extremo e o fracasso não é visto como parte da realidade humana. Imagine-se tal exigência na existência de alguém, que coloca a sua vida à disposição da Igreja, entendendo a escolha com um chamado do próprio Deus, com a norma de uma vida celibatária. Como o discernimento em torno à missão que lhe cabe será avaliado? Soma-se a esta *violência neuroral* a imagem predominante de sucesso apresentada pelas diversas mídias. O modelo de ministério ordenado tem sido os chamados *padres midiáticos*. Mas, o fato de um presbítero não ter determinadas habilidades *artísticas* pode significar que ele não seja um vocacionado?

Ora, o quadro dos antivalores apresentado pela pesquisa parece ser justamente o espelho de uma sociedade que não consegue assimilar crises como uma situação que pode ter um caráter positivo. Mesmo que o *caminho da cruz*, símbolo potente da fé cristã, seja uma possibilidade concreta da trajetória de qualquer um que assuma o cristianismo como sentido radical da existência, neste contexto ele é rejeitado. Muitos chegam a afirmar que a pregação sobre a Cruz não deve fazer parte do processo de evangelização,

pois a ressurreição superou totalmente esta realidade, negando assim um ponto central da fé cristã.

Para explicar o impacto da crise na Igreja Católica é preciso levar em consideração que o diálogo com o mundo moderno por parte da mesma começou tardiamente. O Concílio Vaticano II foi o marco deste diálogo e terminou em 1965. O processo de alteração de um modelo cultural é longo e o cristianismo, sobretudo o católico, levou tempo para reconhecer a necessidade de se confrontar, positivamente, como a modernidade. Assim sendo, não nos parece surpreendente que as respostas estejam vinculadas, predominantemente, justamente nos aspectos que configuram o individualismo que reina no momento. E é bastante significativo que os percentuais foram similares nos dois núcleos catalogados pela pesquisa, isto é, o da *perspectiva* “institucional/carismática” e o da *perspectiva* “evangelização/libertação”.

É importante ressaltar que a pesquisa aponta com nitidez certa confusão que se revela no “perfil dos padres novos”. Nos próximos dados a serem verificados poderemos constatar o crescimento desta confusão na qual os próprios “padres novos” não tem clareza de seu papel na Igreja e na sociedade.

Portanto, ao buscar identificar antivalores no contexto presente, percebe-se que há uma forte influência de um modelo eclesial que ainda não foi superado, no sentido das decisões Concílio Vaticano II, sobretudo no documento *Lumen Gentium*. Permanece uma *auto-referencialidade* como o Papa Francisco tem indicado insistentemente. Por isso, embora não apareça na pesquisa uma referência direta quanto ao *clericalismo* que o Papa apresenta como um forte antivalor para Igreja, constata-se que ele é uma das bases de sustentação inversa diante da crise hodierna.

Entre o passado e o presente identificando valores

A questão 6 vai ao contraponto da anterior: *quais são os principais valores que emanam na sociedade atual?* Vejamos os dados levantados e, em seguida, ensaiemos uma interpretação dos mesmos.

Com relação aos principais valores que emanam na sociedade atual, os “padres novos” são os únicos em colocar, em primeiro lugar, *a sensibilidade ante quem sofre, esquecidos, excluídos* (19,7%). Chama a atenção que a maioria das categorias de agentes eclesiais consultados da perspectiva “evangelização/libertação” e nenhuma da perspectiva “institucional/carismática”, indique como principal valor *a afirmação da dignidade pessoal, da liberdade e da subjetividade* — padres (33,3%), leigos/as (23,7%), seminaristas (37,5%) e religiosas (30,6%). Nesta perspectiva, os jovens indicam *a busca de Deus, de sentido para a vida, de religião* (27,1%), o mesmo que os jovens da perspectiva “institucional/carismática” (34,8%). Nesta perspectiva, também chama à atenção a falta de consenso entre as categorias de agentes, pois, além dos “padres novos” que indicam *a sensibilidade ante quem sofre, esquecidos, excluídos* (19,7%), os leigos/as nomeiam *viver em harmonia com a natureza e saber cuidar dela* (22,2%), os seminaristas *ter acesso a muita informação, quase tempo real, pela mídia/internet* (24,1%) e as religiosas *menos discriminação e mais respeito às diferenças* (20,6%).

Em segundo lugar, os padres coincidem em indicar *a busca de Deus, de sentido para a vida, de religião* — 15,2% e 16,7%, respectivamente, bem como os leigos/as da perspectiva “evangelização/libertação” (16,6%), o que também os jovens de ambas as perspectivas, como assinalado, a indicam em primeiro lugar. Chama à atenção que somente os “padres novos” indiquem e, em primeiro lugar, *a sensibilidade ante quem sofre, esquecidos, excluídos* (19,7%), o que também aparece para os jovens desta perspectiva em segundo lugar (16,6%), assim como para os seminaristas (12,5%) e as religiosas (15,3%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Também é curioso que somente as religiosas da perspectiva “institucional/carismática” indiquem em primeiro lugar *menos discriminação e mais respeito às diferenças* (20,6%), o que aparece em terceiro para os jovens desta perspectiva e em quarto e quinto para os padres e leigos/as da perspectiva “evangelização/libertação”, respectivamente.

Tentemos fazer falar os dados apresentados. Aqui nos deparamos com uma realidade que nos parece muito significativa. Nota-se uma tendência na perspectiva “evangelização/libertação” para assimilar elementos da modernidade que representam uma característica chave deste processo

cultural. Mas, como diria o teólogo mexicano Carlos Mendoza, ainda sem profundidade, pois se trata de uma *subjetividade vulnerável* (MENDOZA ÁLVAREZ, 2013, p. 132-143). Salta aos olhos os percentuais ínfimos quanto à questão sobre *a valorização da gratuidade, da festa, do tempo livre*. A valorização da internet deveria propiciar certo *ócio criativo*, como diria o sociólogo italiano Domenico de Masi em livro com o mesmo nome já citado. Na análise da totalidade dos grupos se percebe uma intersubjetividade que é uma característica do momento atual. Contudo, não se percebe uma direção predominante que possa ser sinal de um caminho para a superação da crise.

Os “padres novos” parecem estar dentro de um conjunto axiológico bastante diversificado, apontando direções múltiplas. E mesmo que a resposta da identificação de assumir como valor *ter acesso a muita informação, quase em tempo real, pela mídia e internet*, não represente ampla maioria entre os padres (13,6%) e entre os seminaristas (24,1%) da perspectiva “institucional/carismática”, em comparação com outras respostas não há nenhuma que se possa afirmar como altamente predominante.

A concepção de *valor* é um dado fundamental para o processo evangelizador. Assim sendo, o que poderia ser apontado como caminho para este processo hoje se a subjetividade é um aspecto estruturante do viver em nossos dias? Por sua vez, se ter acesso à informação, sobretudo através da *internet*, é reconhecido como importante, fica a mesma pergunta: que tipo de pastoral será levada à prática por quem acredita ser este um valor fundamental? Reconhecemos aqui uma *subjetividade vulnerável* como já indicado pela citação do teólogo Mendoza Álvarez.

Observando o resultado da pesquisa em relação ao Concílio Vaticano II que forjou uma visão de Igreja em diálogo com o mundo moderno, percebe-se, mais uma vez, que um número considerável de pessoas vinculadas à vida eclesial não se encontra ainda dentro da dinâmica conciliar. Como afirma a teóloga canadense Catherine E. Clifford, o Concílio é uma profunda experiência de diálogo (CLIFFORD, 2013, p. 316-318). Busca-se ir ao encontro de si mesmo, o que é importante, mais não há um movimento forte para ir ao encontro do outro, da outra. O contundente discurso de abertura do Papa São João XXIII, onde se encontra a famosa expressão na qual o Papa afirma a necessidade da misericórdia como fator determinante nas relações, parece estar ainda para

ser colocado como um fator estrutural na vida eclesial (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1969, p. 8).

Assim, pode-se concluir que mesmo aquilo que é apresentado como valor está, paradoxalmente, em sintonia como a apresentação dos antivalores. Este é um dado muito importante da pesquisa estudada aqui. Há convergência mesmo quando a questão vai em direção do contraponto.

Realidades positivas que brotam no mundo de hoje

A questão 7 diz respeito a *que novas realidades positivas estão emergindo no mundo de hoje*. Apenas os “padres novos” e os jovens diferem de todos os demais, que assinalam em primeiro lugar *a internet e os novos meios de comunicação social*: da perspectiva “institucional/carismática” — leigos/as (30,3%), seminaristas (40,7%) e religiosas (2,3%); e da perspectiva “evangelização/libertação” — padres (24,5%), leigos/as (49,5%), jovens (49,5%) e religiosas (34,3%). É curioso que a perspectiva perspectiva “evangelização/libertação” valoriza mais e tem índices maiores neste fator que a perspectiva “institucional/carismática”. Já os “padres novos” assinalam em primeiro lugar *a sensibilidade com a ecologia e defesa da biodiversidade* (30,3%), assim como os seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação” (41,3%). Os jovens da perspectiva “institucional/carismática” são os únicos a assinalar em primeiro lugar *a volta do religioso, de procura por espiritualidade* (24,7%).

Chama a atenção a valoração positiva quase unânime da *internet e dos novos meios de comunicação social*, reforçada pelos seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação”, que também a assinalam em segundo lugar. Igualmente é significativo que só os “padres novos” (30,3%) e os seminaristas (41,3%) da perspectiva “evangelização/libertação” indiquem em primeiro lugar *a sensibilidade com a ecologia e defesa da biodiversidade*.

Em segundo lugar, *a sensibilidade com a ecologia e defesa da biodiversidade* é a nova realidade mais indicada, ao lado da *volta do religioso, de procura por espiritualidade*. Com relação à ecologia, aparece em segundo lugar para leigos/as (18,7%) e jovens (18,2%) da perspectiva “institucional/carismática” e para padres (19,4%), leigos/as (21,3%) e religiosas (30,0%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Com relação à volta do

religioso, de procura por espiritualidade, aparece somente entre os mais jovens: para jovens (24,7%) e seminaristas (24,1%) da perspectiva “institucional/carismática”, assim como para jovens (14,7%) da perspectiva “evangelização/libertação”. O *fortalecimento da sociedade civil e consciência cidadã* é indicado somente pelas religiosas da perspectiva “institucional/carismática” (18,2%) e pelos padres da perspectiva “evangelização/libertação” (19,4%).

Não deixa de ser significativo que fiquem em plano bem inferior ou quase insignificante realidades como a possível diminuição do racismo, maior acesso da população a serviços básicos, a melhoria das condições de vida dos mais pobres e uma maior aceitação dos novos modelos de família e de vivência da sexualidade.

Comentemos estes dados. Como realidades positivas emergentes, praticamente todos os agentes eclesiais, das duas perspectivas sócio-pastorais, colocam em primeiro lugar *a internet e os novos meios de comunicação*, menos os padres e os jovens da perspectiva “institucional/carismática”. Estaria a internet mudando o nosso modo de pensar, pergunta Antonio Spadaro, jesuíta hoje assessor do Papa Francisco para questões midiáticas (SPADARO, 2012, p. 5). Segundo ele, não se pode falar de encontros on-line “virtuais”, mas sim remotos. Há uma realidade em torno das conexões pela *internet*, ainda que se percebam muitas ambiguidades. Aqui temos um enorme desafio para o processo de evangelização, pois há uma tendência de “demonização” destes meios. Contudo, a partir desta pesquisa, não poderemos menosprezar tal realidade. Obviamente há ainda muito a aprender, mas não se pode colocar tal questão como irrelevante.

Certamente será necessária uma profunda avaliação deste processo, pois corremos o risco, no dizer de Byung-Chul Han em seu livro *Sociedade da Transparência*, de estabelecer uma *ditadura dos iguais* onde podemos ser induzidos a uniformizar informações como se elas fossem isentas de ruídos, usando de uma “violência” camuflada de comunicação livre (HAN, 2017). O reconhecimento da positividade das coisas não nos pode tornar escravos delas. Na dinâmica da vida existe o sofrimento que deve ser assimilado e a construção da sociedade do *pensamento positivo* pode nos levar a uma situação de fuga das ambiguidades que fazem parte da vida.

Neste contexto, chama atenção positivamente, que os jovens da perspectiva “evangelização/libertação”, tenham reconhecido como uma realidade positiva a sensibilidade ecológica, com um percentual muito significativo (41,3%). Possivelmente, uma atualização da pesquisa nos dias atuais, poderia nos apresentar números mais expressivos. Embora ainda exista uma longa estrada a ser percorrida, não há dúvida que depois da Carta Encíclica de Francisco — *Laudato Si'* (2015), não se pode mais voltar atrás na consciência da íntima relação entre processo de evangelização e ecologia. Alguns podem lembrar de que se trata de uma *ecologia integral*, como o próprio Papa faz questão de afirmar. Sim, mas precisaremos cada vez mais de uma *conversão ecológica*, pois *tudo está interligado*. A tendência para uma atitude personalista também pode ser percebida no posicionamento quanto às questões ecológicas. Em termos de ecologia não podemos reduzir o tamanho do problema a uma questão individual. Trata-se de buscar um novo modelo de sociedade. E a pesquisa parece apontar justamente para uma tendência que merecerá muita atenção nos próximos anos.

Realidades negativas que brotam no mundo de hoje

Perguntados sobre que novas realidades consideram como negativas no mundo de hoje, há quase unanimidade em indicar em primeiro lugar *viver a vida sem religião, sem fé, sem Deus*: da perspectiva “institucional/carismática” — leigos/as (28,6%), seminaristas (35,9%) e religiosas (33,3%); e da perspectiva “evangelização/libertação” — leigos/as (20,4%), jovens (23,6%), seminaristas (25,5%) e religiosas (18,1%). Alternativa esta reforçada com a indicação em segundo lugar, pelos “padres novos” (21,2%) e pelos padres da perspectiva “evangelização/libertação” (19,6%).

Já os “padres novos” indicam em primeiro lugar *achar que cada um pode fazer da sua vida o que bem entender* (27,3%), da mesma forma que as religiosas da perspectiva “evangelização/libertação” (18,1%). Somente os padres da perspectiva “evangelização/libertação” indicam *a falta de sentido para a vida, angústias e depressões e a violência, que banaliza a vida, e a falta de segurança*, ambas alternativas com 20,6%. Como se pode perceber, com exceção dos padres da perspectiva “evangelização/libertação”, que indicam uma realidade

de cunho social, todos são unânimes em indicar realidades de tipo religioso, moral ou existencial.

Em segundo lugar aparece para a maioria das categorias de agentes eclesiais consultadas *a falta de sentido para a vida, angústias e depressões*: jovens (26,6%), seminaristas (21,3%) e religiosas (15,2%) da perspectiva “institucional/carismática” e jovens (15,5%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Chama a atenção que somente os leigos/as da perspectiva “institucional/carismática” assinalem *a legalização do aborto, a eutanásia e as uniões homoafetivas* (23,2%), da mesma forma que somente os seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação” indiquem *o aquecimento global, a destruição da biodiversidade e a manipulação genética* (23,4%).

Não deixa de ser curioso e preocupante que *a falta de preocupação com os pobres, insignificantes e descartáveis* seja insignificante para os agentes eclesiais de ambas as perspectivas, pois apenas os padres e leigos/as da perspectiva “evangelização/libertação” a indiquem com pequeno índice de incidência. Também aqui a maior preocupação é com questões de cunho religioso, moral e existencial, com exceção dos padres e seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação” que indicam *a violência, que banaliza a vida, e a falta de segurança e o aquecimento global, a destruição da biodiversidade e a manipulação genética*, respectivamente.

Estamos diante de um desafio analítico muito significativo. Parece que as questões éticas suscitadas pelas contradições sociais não são tão relevantes para a grande maioria dos entrevistados. O conceito de *aporofobia* (ódio ao pobre) estudado pela filósofa espanhola Adela Cortina, parece explicar bem esta percepção. Não que os agentes pesquisados possam ser catalogados dentro do conceito, mas sim podem sofrer a influência de manter a situação de vulnerabilidade social em certa invisibilidade. Compreende-se, neste contexto, que o próprio Papa Francisco sofra forte resistência por repropor uma *Igreja pobre para os pobres*.

Pode-se, ainda, verificar que questões relativas à compreensão de uma consciência cidadã na realidade da sociedade brasileira ainda são muito frágeis. Tal realidade certamente é refletida também nos agentes pesquisados, mesmo os da perspectiva “evangelização/libertação”. Adela Cortina, que trabalha

bastante o conceito de cidadania, indica-nos que muitas vezes esta compreensão passa por fatores que não foram superados, identificado por ela, simbolicamente, como uma *vassalagem* ao senhor, como um comportamento de *súdito*, desdobrando-se em uma situação de *exploração e dominação* na qual se nega a *cidadania social* (CORTINA, 1996, p. 68). Esta tendência parece explicar o menosprezo pela ação social, pela interferência em processos políticos que tem crescido no trabalho eclesial nos últimos anos.

Retoma-se aqui uma observação feita na análise dos dados da questão 5. Lá se tratava de antivalores. Porém, mesmo quando se procura identificar valores, elementos positivos e negativos, não há uma identidade definida quanto ao “perfil dos padres novos”. Ressalta-se que, possivelmente, o processo de formação está distante destas realidade observadas pela pesquisa.

2. Desafios diante do perfil dos “padres novos”

Depois de indicar quatro situações de realidades emergentes do mundo de hoje no contexto da busca do perfil dos “padres novos”, vamos tecer considerações em torno a possíveis desafios e perspectivas suscitados pelo quadro de respostas da sondagem aqui refletida. A pergunta que norteou a análise dos dados foi em que medida o perfil dos “padres novos” responde aos desafios da evangelização colocados pela crise que estamos vivendo.

Tomando em conta os dados recolhidos nas questões apresentadas, o referencial teórico utilizado para se confrontar com estes mesmos dados e a própria experiência do presente redator, vamos pontuar alguns aspectos que nos parecem relevantes para indicar perspectivas que possam contribuir para a superação de elementos paradoxais encontrados nos dados relatados.

Antes de tudo, cabe perguntar-se que reflexão pode ser feita, dentro da transição entre um passado pré-moderno e a modernidade que o Concílio Vaticano II buscou dialogar, para identificar o perfil dos “padres novos” que a pesquisa recolheu. Que desafios ainda não foram superados desde a realização do Concílio.

Entre antivalores e valores, no interior de realidades positivas e negativas, temos um quadro amplo e complexo estabelecido pelo que se

convencionou chamar *cultura moderna* e a constatação de que esta mesma cultura se encontra em crise. E é preciso salientar que a configuração de uma possível *pós-modernidade* não pode ser considerada como um momento de superação da crise. Como diz John Lukacs, em livro já citado aqui, se “pós-moderno tem algum significado apropriado, deve ser o de um avanço para um senso novo e crescente de historicidade” (LUKACS, 2005, p. 45). Ainda no século XX, o teólogo e padre jesuíta Marcello Azevedo, apontava que o conceito de *pós-modernidade* não indicava uma mudança na estrutura interna da cultura moderna (AZEVEDO, 1991, p. 109). Mas o nosso objetivo não é discutir o complexo conceito e sim constatar que não houve superação da crise, pelo contrário, estamos vivendo certo ápice da mesma³.

Um agente de pastoral não é apenas um ser humano que recebe uma doutrina católica isolada do processo histórico e cultural no qual ele está imerso. De 1965, quando termina o Concílio, até o presente, o consenso que parecia estar se estabelecendo desde o final da Segunda Guerra Mundial foi se corroendo. Entre diversos fatores, como por exemplo, guerra fria, manifestações de 1968, ditaduras na América Latina, crise econômica, e agora a crise da própria democracia, não encontramos condições ainda para a produção de explicações que possam estabelecer consensos com facilidade e, ao mesmo tempo, indicar caminhos.

Assim sendo, o primeiro passo para encontrar uma possibilidade de superação da crise é o reconhecimento da situação atual e a constatação dos desafios que tal empreitada representa. Neste sentido, a pesquisa em busca do perfil dos “padres novos” é um instrumento valiosíssimo.

³ Constata-se a pluralidade de conceitos acerca da pós-modernidade, em função da complexidade epistêmica e da possibilidade de focar o conceito a partir de diversas áreas do saber, especialmente da filosofia, da sociologia, da arquitetura e da antropologia. Em geral, o que está em jogo nesse conceito é a concepção de modernidade, fundamentalmente antropocêntrica e cientificista. Por isso, o “pós” pode indicar superação da modernidade, mas é preciso considerar que o “pós-” pode também designar paradoxo de continuidade e descontinuidade, principalmente pela crítica da metafísica – incisiva na religião e na ciência – iniciada com a sentença nietzscheniana da “morte de Deus” e que possibilitou a emergência da hermenêutica filosófica, que propiciou a efervescência da estética arquitetônica, conduziu o pensamento à nomadologia e flexibilidade, chamou à atenção à diferença e alteridade e ainda produziu relações sociais passíveis de efemeridade e vulnerabilidade (GONÇALVES, 2011).

É fundamental buscar compreender o processo pelo qual se produziu o quadro demonstrado na pesquisa. Qualquer projeção quanto ao futuro não pode ser feita em detrimento do que foi acumulado de história no presente, ainda que, como alerta o historiador, “uma história ‘precisa’ é necessariamente um exagero, e uma história “ortodoxa” é necessariamente uma contradição” (LUKACS, 2005, p. 66). É fundamental aprender com a história e não simplesmente trazê-la de volta. A crise atual no âmbito eclesial católico parece sofrer desta anomalia histórica, isto é, querer repetir o passado sem o contexto no qual este se deu. Quando um conjunto considerável dos entrevistados coloca como significativo a *busca de Deus e da religião*, podemos nos perguntar, a partir do contexto atual, o que isso representa. Parece-nos que é justamente uma volta ao passado sem a devida análise histórica. Este é um grande desafio para o processo de evangelização.

Dentro da mencionada crise aqui analisada, um fator que precisa também ser levado em consideração é a questão urbana. O fenômeno da urbanização é ao mesmo tempo resultado e causa de ambiguidades nas respostas pastorais que vem se dando desde o Concílio Vaticano II. E podemos afirmar, sem medo de errar, que ainda não encontrou um caminho⁴.

A paróquia na qual os “padres novos” estão inseridos foi moldada em uma estrutura rural que não existe mais, mesmo na chamada zona rural. A sociologia tem afirmado que a distinção entre rural e urbano praticamente não é mais possível. A complexidade do mundo urbano não foi considerada com a devida profundidade, e as consequências para o processo de evangelização não foram levadas em consideração com mais propriedade. O Pe. Luiz Roberto Benedetti, que participa da obra citada na nota abaixo, ainda no início do século XXI, faz uma brilhante síntese em artigo no qual ele levanta o desafio da cidade moderna. Benedetti aponta de forma cirúrgica que falar de cidade hoje é falar de relações sociais onde o ser humano é, ao mesmo tempo, afirmado e negado. O espaço social é comprimido e unificado e a própria experiência humana é transformada, no interior deste espaço, em mercadoria. Ora,

⁴ Neste sentido, a recente obra organizada pelos teólogos Agenor Brighenti e Francisco de Aquino Júnior, *Pastoral Urbana – Novos caminhos para a Igreja na cidade, 2021*, é uma ótima contribuição para o debate.

lembramos que a pesquisa aqui estudada revela vários aspectos deste processo. A fé cristã também corre o risco de se tornar uma mercadoria a ser oferecida no mercado religioso. Constitui-se uma espécie de *metafísica do consumo*. E a pergunta que finaliza o artigo de Benedetti continua sem resposta: “como transmitir valores e ‘verdades’ neste mundo, sem cair no fundamentalismo objetivista ou no emocionalismo estetizante?” (BENEDETTI, p. 7, 2002).

Por fim, outro desafio que a pesquisa nos revelou, embora naturalmente existam outros, é a dimensão da subjetividade. Cremos que os dois lados observados pela pesquisa têm a tendência de ficar em extremos. A perspectiva “institucional/carismática” corre o risco de um forte subjetivismo e a perspectiva “evangelização/libertação” corre o risco de esquecer a subjetividade humana.

Quando não consideramos a dimensão subjetiva da realidade humana com o devido equilíbrio, corremos o risco de exigir das pessoas mais do que elas realmente podem dar. Como diz Byung-Chul Han, o excesso de positividade dos últimos anos tem levado ao adoecimento da sociedade. A sociedade parece estar em guerra com ela mesma. O desempenho medido por diversos fatores de produção, o caso do *Curriculum Lattes* no Brasil no campo da docência universitária, e o excesso de trabalho, torna-se um fenômeno de autoexploração (HAN, 2017).

Não há mais necessidade de supervisão para garantir a produção. Em uma expressão antiga, as cidades se tornam uma verdadeira *selva de pedra*. O elemento contemplativo, tão característico das diversas religiões, corre o risco de ser subsumido pela dinâmica da produção, pela lógica da concorrência, pela necessidade de uma comunicação espetacular que comova e segure os “clientes” que se pretende atingir pela proposta religiosa. Assim, temos encontrado o crescimento de notícias de agentes de pastoral, mesmo presbíteros, acometidos de doenças psíquicas, e um número considerável de suicídios. Usando a expressão de Han, o ser humano corre o risco de ser transformado em uma *máquina de desempenho autista* (HAN, 2017, p. 56) ou ainda que o *excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma* (HAN, 2017, p. 71). Ou seja, vivemos uma sociedade do esgotamento, e o quadro de resposta da pesquisa dá alguns indicativos nesta direção.

No âmbito do processo pastoral de evangelização temos encontrado muitos dos elementos aqui considerados. O Papa Francisco tem diagnosticado com precisão muitos aspectos desta realidade com a expressão *autorreferencialidade*. Irá chamar, no capítulo II da *Evangelii Gaudium* — *A Alegria do Evangelho, de crise do compromisso comunitário*. Usará a expressão *mercado divinizado* (EG 56) que pode ser justamente colocada no interior de um tipo de sociedade que empurra todo o peso da vida na busca dos bens materiais pelo indivíduo, deixando-o sozinho a luta desenfreada pela sobrevivência.

Contudo, a verificação da situação de crise é um dado fundamental para buscar identificar perspectivas. A pesquisa carrega também esta possibilidade.

Concluindo

Desafios existem para serem superados. Evidentemente que a pesquisa não aponta diretamente para possíveis perspectivas de aprofundamento da evangelização no mundo de hoje. Entretanto, ela indica setas que podem ou não servir de orientação para estabelecer processos de transformação na organização pastoral, que dialogue com a realidade. Não foi intenção do Concílio Vaticano II justamente buscar tal diálogo? Não vamos nos deixar interpelar pelos *sinais dos tempos*, como indicou aquele que convocou o Concílio — o Papa João XXIII? Se a resposta da Igreja Católica à modernidade chegou com certo atraso, não se pode correr o mesmo risco novamente de não responder o desafio da situação de crise atual.

A pesquisa revela uma diversidade muito grande na compreensão daquilo que move o mundo de hoje. Em outras partes da pesquisa, não analisada aqui, é bem possível que também se possa detectar tal realidade. Ora, torna-se imprescindível tentar tirar todas as consequências desta verificação. Mas, há um pressuposto fundamental para buscar delinear soluções pastorais. Acreditamos que justamente a ausência de tal perspectiva tem levado a certa confusão no itinerário das práticas pastorais em nossos dias. Trata-se do significado profundo do processo de evangelização. Embora o Concílio Vaticano II tenha estabelecido critérios-chaves para entrar de cheio em uma renovação que jogava a Igreja de volta às fontes que promoveram a

força do Evangelho no mundo, e o Papa Paulo VI tenha sintetizado de forma cabal o que significa evangelizar na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), a crise dificultou bastante que tais orientações pudessem surtir efeito. É comum, diante de uma crise aguda, certa saudade de um passado que não volta mais.

Assim sendo, a análise dos dados da pesquisa pode ser uma grande ferramenta para melhorar a resposta quanto a uma vocação que é de fundamental importância para Igreja: o ministério presbiteral. Salta aos olhos, através da pesquisa, que os “padres novos” parecem não responder, predominantemente, aos desafios colocados pelo mundo moderno e respondidos pela própria Igreja no Concílio Vaticano II.

No entanto, enquanto a pesquisa quanto ao “perfil dos padres novos” se realizava, o pontificado de Francisco retomava as orientações mencionadas acima. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), que precisa ser lida em sintonia com o Concílio e a Exortação de Paulo VI, encontramos indicações claras de como buscar contribuir para superar a crise civilizatória no âmbito eclesial.

Não faz parte do escopo deste trabalho, no encerramento da presente análise, recordar as indicações que o Papa Francisco vem oferecendo. No entanto, ao entrar em contato com o resultado da pesquisa, cabe nos deixar interpelar quanto ao que pode ser verificado nas respostas. Francisco tem demonstrado que é possível superar o desafio. Temos uma longa jornada pela frente e precisaremos de todas as ferramentas disponíveis, como a pesquisa que aqui em pauta.

Documentos do magistério

COMPENDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília, São Paulo: Edições Loyola, Paulus & Paulinas, 2007.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi – Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2013.

Referências

- AZEVEDO, M. *Entrocamentos e entrechoques – vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- BENEDETTI, L. R. Cidade e condição humana. *Vida Pastoral*, São Paulo, p. 3-7, jul./ago. 2002.
- BRIGHENTI, A.; AQUINO JÚNIOR, F. (orgs). *Pastoral Urbana – novos caminhos para a Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CARIAS, C. P.; CRUZ CARIAS, A. J. *Outra teologia é possível, outra Igreja também*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CLIFFORD, C. E. O Concílio Vaticano II e o seu compromisso com o diálogo no século XXI. In: OLIVEIRA, P. A. R.; DE MORI, G. (orgs). “*Deus na Sociedade Plural*”. São Paulo: Soter / Paulinas, 2013.
- CORTINA, A. *Ética civil e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- CORTINA, A. *Aliança e contrato. Política, ética e religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- CORTINA, A. *Cidadãos do mundo – para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- DE MASI, D. *A Sociedade Pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999.
- DE MASI, D. *O Ócio Criativo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- GONÇALVES, P. S. L. A Teologia na cultura pós-moderna. In: SOUZA, N. (org.). *Teologia em diálogo. Os desafios da reflexão teológica na atualidade*. Aparecida: Santuário, 2011. p. 13-64.
- HAN, B.-C. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, B.-C. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, B.-C. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, B.-C. *O que é poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.
- LUCKACS, J. *O fim de uma era*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.
- MENDOZA-ÁLVAREZ, C. Dios ineffabilis. El lenguaje sobre Dios em tempos de pluralismo cultural y religioso. In: OLIVEIRA, P. A. R.; DE MORI, G. (orgs). “*Deus na Sociedade Plural*”. São Paulo: Soter / Paulinas, 2013.
- SPADARO, A. *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais*. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 73, 2012.

RECEBIDO: 19/10/2021
APROVADO: 06/12/2021

RECEIVED: 10/19/2021
APPROVED: 12/06/2021